

O EPISTOLÁRIO DE SIDÔNIO APOLINÁRIO ENTRE PRÁTICAS DE ESCRITA E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS: UM ESTUDO POLÍTICO-CULTURAL SOBRE A GÁLIA DO SÉCULO V EC

Gabriel Freitas Reis¹

RESUMO: A Gália, no século V EC, foi palco de lutas políticas entre as nobrezas gaulesa e itálica, além de ver surgir a formação e a expansão de reinos alanos e germânicos. Desse contexto, focamo-nos sobre o personagem de Sidônio Apolinário, um nobre clérigo que seguiu uma carreira política de sucesso entre a Gália e a Península Itálica. Literato, ele escreveu diversas epístolas e poemas. Em tais obras, aparecem representados conflitos e negociações políticas entre itálicos, gauleses e germânicos. Neste trabalho, pretendemos observar a relação entre as representações de conflitos em torno de identidades culturais contidas nas epístolas do autor e o seu contexto histórico, bem como entre esse último e a prática de escrita epistolar em si. Nossas ideias vinculam-se, especialmente, à Nova História Cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Sidônio Apolinário; práticas; representações; século V EC.

ABSTRACT: In the 5th century Gaul was the scene of political struggles between the Gallic and Italic nobilities, besides to seeing the formation and expansion of Alan and Germanic kingdoms. From this context, we focus on the character of Sidonius Apollinaris, a noble cleric man who followed a successful political career between Gaul and Italy. Being a literate, he wrote several epistles and poems. In such works, conflicts and political negotiations between Italics, Gauls and Germanics appear represented. In this work, we intend to observe the relationship between the representations of conflicts around cultural identities contained in the author's epistles and his historical context, as well as between the latter and the practice of epistolary writing itself. Our ideas are linked, especially, to the New Cultural History.

KEY WORDS: Sidonius Apollinaris; practices; representations; 5th century AD.

INTRODUÇÃO

Sidônio Apolinário foi um nobre clérigo romano da Gália do século V EC, pertencente a uma das famílias mais ricas e politicamente influentes de seu contexto histórico; além de ter sido um notável escritor de sua época. Seu contexto foi marcado pela entrada de uma grande quantidade de povos estrangeiros no Império Romano do

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Maria -UFSM. Bolsista CAPES

Ocidente e pela descentralização política desse Estado (KINDLER, 2005, p. 8-17). Sidônio escreveu um vasto número de obras literárias apresentando elementos desse contexto e de seus principais conflitos; dentre seu *corpus* documental temos epístolas, panegíricos, epigramas e cartas de apresentação versificadas. Utilizamos para a realização do presente trabalho, parte dessas epístolas. As razões do nosso recorte documental dão-se porque foram as epístolas que foram por nós utilizadas na realização de nosso trabalho de Mestrado, sendo, desse modo, o tipo de documento no qual temos uma carga de leitura adequada e suficiente para a realização da proposta de pesquisa que aqui intentamos levar a cabo.

O nosso primeiro objetivo aqui consiste na observação das intenções das representações literárias feitas por nosso autor, e a relação disso com as questões políticas nas quais o mesmo estava envolvido, ou seja, consiste na análise da influência mútua entre texto e contexto. O nosso segundo objetivo centra-se na apreciação do fenômeno das identidades políticas tal como ele aparece representado no *Epistolário* sidoniano. Acreditamos que, com tal apreciação, possamos compreender como o nosso autor dialogou com as identidades políticas na forma histórica que elas adquiriam em seu contexto. De antemão, sabemos que esse diálogo deu-se em função de interesses cujos verdadeiros beneficiados não necessariamente aparecem de forma clara na literatura de Sidônio Apolinário, sendo eles muitas vezes somente constatáveis por meio da interpretação das composições retóricas daquele de quem falamos; saber quem eram exatamente esses beneficiados também é algo por nós almejado nesse trabalho.

No que tange ao quadro teórico desse estudo, utilizamo-nos de alguns conceitos básicos, como o de *identidade* de Stuart Hall (2002, p. 106), que analisando a forma como o nacionalismo pensou as identidades na Modernidade, critica a maneira subsumida dessa interpretação, entendendo o fenômeno como algo em constante mutação. Também nos apropriamos do conceito de *ordem*, pensado por nós a partir de ideias elaboradas por Semíramis Corsi Silva (2014, p. 23), que com base em definições de Ramsay MacMullen (1966, apud SILVA 2014, p. 23) e de Janet Huskinson (2000, p. 7, apud SILVA, 2014, p. 23), entende *ordem* como a estabilidade administrativa do Império Romano aliada ao compartilhamento de significados culturais pelas elites governantes desse mesmo Império. Usamos ainda, como o título sugere, os conceitos de *representação* e de *prática*. *Representação* é um fenômeno por nós entendido de acordo com a proposta de Roger Chartier (1988); esse autor, um dos principais pilares da Nova História Cultural, entende *representação* como sendo um campo de luta entre demonstrações de visões de

mundo, que apresentam a realidade em função de interesses e anseios. Já *prática* é um conceito que pensamos a partir de interpretações de ideias de Paul Charles Christophe Claval (2011, p. 6-20), sendo um fenômeno cultural que se estabelece a partir de um léxico de possibilidades de utilização da cultura material, mas que ao mesmo tempo, dá-se em função de tradições e modos de ver a realidade.

UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Sidônio Apolinário viveu e seguiu uma carreira política num período de significativas mudanças histórico-sociais no Império Romano e em seus arredores, sobre os quais tal Estado exercia, e dos quais sofria influências nesse sentido. Foi nos dias de Sidônio Apolinário que ocorreu um dos maiores movimentos de entrada de povos estrangeiros, principalmente germânicos e alanos, no Império Romano do Ocidente tardo-antigo (MINOR, 1976, p. 27-28; MATHISEN, 1993, p. 27-36; WARD-PERKINS, 2005, p. 11). Foi um período não só marcado pela chegada desses novos habitantes, como também por uma gradual descentralização da República Romana sediada na Itália², a qual encontrava cada vez mais dificuldades para governar suas províncias, que num processo historicamente lento, iam adquirindo diferentes níveis e formatos de independência (MATHISEN, 1993, p. 17-26).

Sobre essa descentralização, aqui importa tratarmos com mais especificidade do caso da Gália. Com efeito, e segundo Greg Woolf (1998, p. 21-22), a relação entre a Gália e a Itália, desde que a primeira fora conquistada pela última no século I AEC, nunca foi harmônica; mas podemos dizer que especialmente no século V EC, desenvolvia conflitos grandiosos, com usurpações do título imperial por militares gauleses (FREITAS, 2008, p. 63-65). Para além disso, no século V EC foram constituídos diversos reinos germânicos no Império Romano do Ocidente; manifestações estatais que se expandiram amplamente (MINOR, 1976, p. 7-76).

² Utilizaremos a terminologia Império Romano para tratar do que foi historicamente o mundo mediterrâneo conquistado por Roma, isso no que diz respeito às mudanças históricas ocorridas nas diversas regiões governadas pela Itália, num sentido que transcende o governo romano burocratizado. Contudo, utilizaremos o termo República para tratar do Estado romano propriamente dito, pois ainda que a historiografia tradicional considere que a República Romana tenha acabado em 29 AEC, essa ideia não estava presente no período por nós estudado, pois nosso autor utiliza a palavra *republica*, mostrando que Império e República não eram conceitos mutuamente excludentes na época, sendo isso uma construção histórica conceitual moderna.

Ao final do século V EC, a Gália era um mosaico de reinos germânicos³. Aqui, importa que falemos de forma mais detalhada da trajetória expansionista de dois deles, importantes para o desenvolvimento desse trabalho: trata-se do Reino Gótico de Tolosa (atual Toulouse, França) e do Reino Burgúndio da Sapaudia.

O primeiro, como o nome sugere, foi governado pelos godos, e era sediado em Tolosa. A monarquia gótica de Tolosa, como as outras germânicas, seguia uma lógica de apoio a um monarca (*rex*) que fosse eficiente no que diz respeito a administrar a expansão das terras do reino por meios bélicos ou, preferencialmente, diplomáticos. Assim, três dos principais reis que governaram o reino de Tolosa, obtiveram vitórias nesse sentido: Teodorico I (418-451), Teodorico II (453-466) e Eurico (466-484). Apesar das importantes vitórias do penúltimo, foi somente com o último que o Reino de Tolosa conquistou a maior parte das províncias romanas do Sudoeste gaulês, permanecendo com esses territórios até o tempo da morte de Sidônio Apolinário, quando acaba o recorte que nos importa para o trabalho (MATHISEN; SIVAN, 1999 p. 21-23; FREITAS, 2008, p. 70).

No que diz respeito ao Reino Burgúndio da Sapaudia, começemos dizendo que os burgúndios também foram um povo germânico que, ao final do primeiro quartel do século V EC, governavam um reino ao Norte da Gália com capital em Borbetômago (atual Worms, Alemanha). Como fatalmente ocorreria, eles tentaram expandir os limites desse Estado, o que se deu no ano de 430, quando enfrentaram e impuseram uma sangrenta e esmagadora derrota às tropas lideradas pelo general itálico Aécio. A revanche que sofreram, no entanto, quase dizimou os guerreiros burgúndios em 436, sendo que, seis anos depois do último evento, os remanescentes burgúndios receberam terras no Leste da Gália, num território chamado de Sapaudia, e que, grosso modo, compreende às fronteiras da atual Saboia (MINOR, 1976, p. 34-35; WOOD, 1994, p. 9; FREITAS, 2008, p. 55-56).

O Estado que, nesse estudo, chamaremos de Reino Burgúndio da Sapaudia, por diversas vezes tentou expandir-se e controlar territórios adjacentes no Sudeste gaulês. Durante tais investidas, os burgúndios enfrentaram sem sucesso as forças de imperadores como Ávito (455-456) e Majoriano (457-461). Posteriormente, no entanto, graças às

³ Nesse trabalho, chamamos de *germânicos* diversos povos advindos de além das fronteiras setentrionais do Império Romano. Não desconhecemos que estamos tratando, nesse texto, também de indivíduos ditos germânicos mas já nascidos na Gália. Entretanto, por conta de *povos germânicos* ser a nomenclatura mais tradicionalmente aplicada para eles, e por ser essa uma das empregadas por Sidônio Apolinário (*Carm.* 12.1-5), apropriar-nos-emos dela aqui.

atividades bélicas do rei Gundebaldo I (473-516), com o apoio do mestre de soldados itálico Ricímero e do imperador romano-ocidental Líbio Severo (461-465), o Reino da Sapaúdia conseguiu controlar as terras das províncias de todo o Sudeste gaulês (MINOR, 1976, p. 53-67).

Sabendo de elementos gerais em torno do contexto em que viveu Sidônio Apolinário, cabe agora tratar sobre questões de sua trajetória.

ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE SIDÔNIO APOLINÁRIO

Sidônio Apolinário nasceu em Lugduno (atual Lyon, França), na região da Gália Lugdunense, provavelmente no ano de 432. Era pertencente à importante gente dos Apolinários, com o avô paterno e o pai tendo ocupado o cargo de prefeito do Pretório das Gálias. Sua mãe pertencia à gente arvernesa dos Ávitos, da qual ele também passou a fazer parte quando de seu casamento com Papianila, filha do futuro imperador Ávito (KINDLER, 2005, p. 21; VAN WAARDEN, 2009, p. 10).

Da formação intelectual do autor aqui trabalhado, sabemos que ele aprendeu a fé cristã com a família e que assistiu aulas de gramática em Lugduno e de retórica em Arelate (atual Arles, França), formando-se nos distintos ramos da filosofia: aritmética, geometria, astronomia e música (KINDLER, 2005, p. 21-22).

Ao casar-se, por volta dos vinte anos de idade, Sidônio Apolinário recebeu como dote uma propriedade rural na Arvéria (ainda hoje com esse nome, na França) chamada *Avitacum*, e passou a residir nessa região. De lá, estreitou seus laços com a corte gótica de Tolosa, a partir do que sua carreira política foi alavancada, e isso graças à sua declamação de um panegírico a seu sogro quando da ascensão do mesmo ao cargo de imperador romano-ocidental, em 456. A relação disso com os godos de Tolosa dá-se porque Ávito foi posto no trono romano-ocidental graças a eles; sendo também, devido a um conflito resultante da rivalidade dos itálicos com esses guerreiros germânicos que Ávito foi deposto de seu cargo (KINDLER, 2005, p. 22).

O golpe implicou em perda de poder aos gauleses como um todo, mas Sidônio Apolinário continuou a ascender em sua carreira política por meio da declamação de um segundo panegírico, dessa vez a Majoriano, o imperador que fora posto no lugar de Ávito. O feito rendeu ao nosso autor a título de conde (ANDERSON, 1936, p. XXXVII; VAN WAARDEN, 2009, p. 11).

O sucesso político de Sidônio Apolinário a serviço de Majoriano teve fim quando Ricímero, o mestre de soldados que conspirou para depor Ávito e substituí-lo por Majoriano, ao ver suas expectativas sobre o último frustradas, armou para depô-lo também (MINOR, 1976, p. 64-65; KINDLER, 2005, p. 24). Durante longo período, então, Sidônio Apolinário permaneceu na Arvêrnia, dedicando-se a atividades literárias, mas em 468 teve a oportunidade de declamar um novo panegírico, dessa vez a Antêmio, o novo imperador romano-ocidental, que era pertencente à família imperial de Constantinopla. Foi quando o nosso autor recebeu os títulos de patrício e de senador e ocupou o cargo político de prefeito urbano, o que se deu precisamente, durante o ano de 468 (KINDLER, 2005, p. 24-25).

No ano seguinte, em 469, como numa forma de aposentadoria, Sidônio tornou-se bispo da Arvêrnia e deixou as atividades políticas itálicas para sempre. Na Arvêrnia, ele liderou a resistência do ópido de Augustenêmeto (atual Clermont-Ferrand, França), onde ficava a sua sé, a um cerco imposto a tal localidade pelos godos de Tolosa liderados pelo rei Eurico (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Epístola 7.1*⁴; VAN WAARDEN, 2009, p. 16-24).

Graças ao auxílio burgúndio aos arverneses, o cerco pôde arrastar-se por quatro anos, de 471 a 475, mas ao final, numa negociação com a República mediada pelos bispos Basílio de Águas Sextias (atual Ais de Provença, França), Fausto de Alébece dos Reios Apolinários (atual Riez, França), Leôncio de Arelate e Greco de Marselha (ainda hoje com esse nome, na França), a Arvêrnia foi cedida ao Reino de Tolosa em troca da Provença (ainda hoje com esse nome, na França) (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Epístola 3.4.1-2*; SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Epístola 7.6*; SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Epístola 7.7*; VAN WAARDEN, 2009, p. 16-17).

Na sequência, Sidônio Apolinário, como prisioneiro do rei Eurico, permaneceu por dois anos, de 475 a 477, na Fortaleza Lívia, próxima à cidade de Cárcaso (atual Carcassone, França), saindo de lá graças à influência política adquirida por seu amigo Leão junto à realeza de Tolosa. Nos últimos anos de sua vida, o nosso autor viveu em sua sé como súdito do rei Eurico, mas sem perder o seu cargo de bispo. Estima-se que sua morte ocorreu em 486 (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Epístola 8.3*; VAN WAARDEN, 2009, p. 12).

⁴ O primeiro número refere-se ao livro no qual a epístola encontra-se. O segundo, à epístola em si, isto é, à posição que ela ocupa na sequência epistolar do livro. O terceiro número não designa uma epístola diferente, mas um trecho diferente dentro da mesma epístola.

A PERSONALIDADE POLÍTICO-LITERÁRIA DE SIDÔNIO APOLINÁRIO

Antes de tudo, é válido que tenhamos explicações a respeito de um dos elementos de natureza filosófico-educacional que caracterizaram a cultura latina e nortearam a lógica retórica sidoniana: a *civilitas*.

Segundo Greg Woolf (1998, p. 54-74), a partir do momento no qual a Gália se tornou parte do Império Romano, ela passou a ser vista, dentro da lógica discursiva da política romana, como tendo sido civilizada. Isto quer dizer que os romanos consideraram retoricamente que os gauleses haviam adquirido a *civilitas*⁵.

Os principais elaboradores do conceito foram os autores Cícero e Sêneca, que escreveram, respectivamente, nos séculos I AEC e I EC, e cujas obras intitulam-se, também respectivamente, *O orador* e *Tratado sobre a clemência*. Na conceituação deles, a “*humanitas*” aparece como um conjunto de virtudes das quais as camadas sociais mais ricas e com pretensões políticas mais bem delineadas estão mais próximas (COELHO; PEREIRA MELO, 2012, p. 2). Com tal base conceitual, a ideia é por nós interpretada como um conjunto de comportamentos abstratos, que definem o que é ser civilizado e que trazem consigo uma assimilação da visão de mundo das elites governantes do Império Romano: quem tinha a *civilitas* estava apto a governar, sendo ela, portanto, que dava autoridade aos líderes das comunidades gaulesas, que por sua vez, deveriam guiar os governados no rumo dessa mesma *civilitas* (WOOLF, 1998, p. 54-74)

Além de falarmos sobre a *civilitas*, é importante que digamos ainda, sobre os paradigmas norteadores da personalidade política e literária de Sidônio Apolinário, que a inserção dos cidadãos romanos na esfera política baseava-se nos laços de *amicitia*; tais eram estabelecidos levando-se em consideração o nascimento e o prestígio da pessoa. O resultado último de tal lógica pode ser observado na constatação de que o Império Romano era um Estado no qual aqueles que pretendiam ascender, dependiam de serem queridos por aqueles que já ocupavam altas posições de poder. A recomendação de amigos para o exercício da vida pública era, dessa forma, um veículo reprodutor da estrutura de poder, ao mesmo tempo em que para a ascensão individual era necessária a habilidade de adquirir amigos, formando grupos de interesses comuns (VILANOVA; VENTURINNI, 2007).

⁵ Autores como Cícero e Sêneca utilizam a terminologia *humanitas*, enquanto Sidônio Apolinário fala em *civilitas*. Nesse trabalho, interpretamo-las como sinônimas.

Sobre a *amicitia* na Gália romana, Woolf (1998, p. 25-35) mostra-nos um sistema equivalente ao itálico. Ele afirma que os líderes comunitários gauleses estabeleciam alianças de auxílio mútuo com fins de ascensão política na ordem romana, criando redes que funcionavam de forma não oficial.

Mas para que esses elementos culturais possam ser melhor ilustrados e melhor compreendidos em torno da pessoa de Sidônio Apolinário, vejamos abaixo mais especificamente questões relativas às composições literárias de suas epístolas.

DAS TRADIÇÕES E PRÁTICAS EPISTOLARES DE SIDÔNIO APOLINÁRIO E OS NOSSOS ESTUDOS POLÍTICO-IDENTITÁRIOS.

No período que hoje chamamos de Antiguidade, as cartas foram o principal meio de comunicação escrita (ALEXANDRE JÚNIOR, 2015, p. 167-168). Sobre os diferentes gêneros de cartas existentes na época, a historiografia tradicional costumava destacar dois deles: as cartas genuínas, ou cartas pessoais, de um lado; e as cartas públicas, ou epístolas artísticas, do outro. A definição é boa para que se entenda que algumas cartas eram escritas com finalidades de comunicações que não objetivavam atingir o público, enquanto outras sim (SOARES, 2013, p. 201). Caroline da Silva Soares (2013) aponta para dois manuais de cartas: o *Typoi Epistolikoi*, de Pseudo-Demétrio, escrito entre o final do século II AEC e o início do século I AEC, e que descreve vinte e um tipos de cartas; e o *Epistolimaioi Characters*, de Pseudo-Libânio, escrito entre 314 e 393 EC, e que descreve quarenta e um tipos de cartas. Consideramos essas definições e ainda concordamos com Soares (2013, p. 200) quando ela afirma que cartas definem-se como um tipo de literatura cuja característica imutável é o fato de que se destinam a alguém. E apesar de haver controvérsias quanto à ideia dessa autora a respeito de que o destinatário de uma carta precisa estar distante do remetente, acreditamos que podemos considerar isso para tratar das cartas com as quais lidamos nesse trabalho.

As cartas de Sidônio Apolinário estão publicadas em nove livros que, ao todo, compõem uma coletânea chamada *Epistolário*. Foram escritas em uma época na qual os nobres romanos da Gália utilizavam-se da literatura para enfatizar uma identidade política que os afastava dos germânicos e de outros povos estrangeiros que controlavam terras gaulesas (MATHISEN, 1993, p. 105-118).

Sobre essa afirmação, a análise por nós feita da carta abaixo pode ser esclarecedora:

Muitas vezes tu perguntaste sobre Teodorico, o rei dos godos, cuja fama de civilidade é recomendada a todos os povos. Tu queres o significado de sua vida tanto quantitativa quanto qualitativamente em forma literária. De bom grado eu concedo-te isso, no volume que a página epistolar permite, e laudo em ti tão delicada e ingênua curiosidade. Então, ele é um homem digno de conhecimento, ainda que pela intuição menos familiar: pois o arbítrio e a razão de Deus, juntamente com a natureza, acumularam-se para relegar à sua pessoa os dotes consumados da felicidade. Seu caráter é tal que nem a inveja o defraudou de seu estado de laudo (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Epístola 1.2.1*, tradução nossa).

Teodorico II, rei dos godos de Tolosa, governava um reino cujos habitantes de origem germânica, tanto guerreiros quanto camponeses, conservavam tradições ancestrais praticadas desde antes dos godos entrarem no Império Romano, há quase oitenta anos antes da presente carta ter sido escrita (MATHISEN; SIVAN, 1999, p. 2). Conforme Barthélemy (2010, p. 31), as organizações políticas dos povos germânicos eram bastante fluidas. Todavia, de acordo com Patrick J. Geary (1999, p. 108), sob a égide de um rei, e identificando-se como godos, esse era um povo com interesses políticos unificados, o que nos faz pensar que poderia forjar alianças ou travar conflitos com outros grupos políticos.

Mathisen (1993, p. 9-16) propõe que a nobreza romana da Gália, cujas gentes que a compunham não eram necessariamente amigas, agiam como se assim fossem para o bom sucesso da perseguição de seus interesses políticos no cenário aqui observado, quando era necessário lidar com um governo itálico instável e incerto e com monarquias germânicas ávidas por aumentarem a extensão de seus territórios. Mathisen (1993, p. 105-118) também diz que tal nobreza usava a literatura como elemento identificador. Não duvidamos dessas informações, mas a passagem apresentada permite-nos ver que Sidônio Apolinário utilizava-se da ideia de civilização para fazer elogios àqueles com quem ele se aliava, mesmo que se tratasse de personalidades políticas que não eram de fato aceitas no círculo dos literatos romanos da Gália.

Num parêntese, recordemos que a aliança de Sidônio Apolinário com Teodorico II, retoricamente apresentada nos elogios do trecho epistolar visto acima, devia-se ao plano estabelecido entre a gente arvernesa dos Ávitos e a realeza de Tolosa, para que Epárquio Ávito, o patriarca da gente, fosse levado ao trono romano-ocidental, em troca do que o último homem citado facilitaria a expansão das terras do Reino de Tolosa pelo Império Romano do Ocidente, sobretudo pela Hispânia, ficando a Gália livre das ambições políticas góticas.

Mathisen (1993, p. 9-16) tem razão, os germânicos não entravam como leitores diretos na correspondência epistolar sidoniana, mesmo que fossem elogiados por algumas

das epístolas. Isso só não é verdade para aqueles descendentes de germânicos que, ainda que o fossem, não ofereciam perigo político aos interesses da nobreza romana da Gália como um todo, como é o caso do conde de origem franca Argobasto⁶, destinatário da *Epístola 4.17*.

Ademais, no que diz respeito às regras gerais de composição epistolar, Soares (2013, p. 204) informa-nos que as cartas eram escritas a partir de fórmulas fixas que admitiam limitadas variações; essas fórmulas são encontradas principalmente, no início e na conclusão das cartas. Elas iniciam com o prescrito (*praescriptum*), que é constituído por três elementos: o nome do remetente (*superscriptio*), que pode vir acompanhado de indicações de parentesco ou títulos; o nome do destinatário (*adscriptio*) que também pode vir acompanhado desses mesmos elementos; e uma saudação (*salutatio*), à qual podia ser adicionado um voto de boa saúde (*formula ualetudinis*) e advérbios. A autora, entretanto, aponta que as regras gerais que definiam a composição epistolar eram constantemente reelaboradas para adequarem-se às necessidades específicas dos contextos históricos que as produziam (SOARES, 2013, p. 203).

Sobre essas regras gerais na Antiguidade Tardia, Van Waarden (2009, p. 31-32), a partir de recomendações de vários autores do período, aponta que as cartas deveriam ser curtas, claras e elegantes, com uma linguagem concisa e natural.

Nessa lógica, Sidônio Apolinário também faz suas recomendações: na *Epístola 7.18.4*, ele diz que as cartas deveriam dedicar-se, preferencialmente a um objeto, dica que nem sempre ele segue. Na *Epístola 8.16.13*, ele diz que as cartas não devem abrir mão de uma linguagem elegantemente polida.

Uma das cartas de Sidônio Apolinário cuja linguagem e o papel político são por nós estudados, segue abaixo:

Gozolas, judeu em nação, cliente de tua excelência (*culminis*), cujo para mim também seria (*esset*) uma pessoa cordial, se eu não estivesse (*esset*) desprezando sua seita, carrega a minha carta, que eu escrevi grandiosamente ansioso. Pois os exércitos de uma gente circunferente terrificam-nos (*nobis terrificant*), quase do lado oposto dos limites protetores de nosso ópido. Assim estamos posicionados no meio de povos rivais como lacrimável presa, suspeitos dos burgúndios, próximos dos godos, não carecemos nem da ira dos impugnantes, nem da inveja dos defensores. Mas aliás, depois falamos sobre isso. Entrementes, somos retos, se vós possuíis bem, estamos diante de algo bom. Nem pois somos permitidos às aberturas no peito, se nós tecêssemos desse modo, estaríamos sujeitos a sanções penais devido a um crime oculto;

⁶ Com exceção de Argobasto, Sidônio não se corresponde com nenhum germânico. Sabemos, contudo, pelo próprio Sidônio Apolinário (*Carm 7.495-505*), que Teodorico II não era analfabeto, e que poderia, portanto, ter sido um dos destinatários do nosso autor, o que jamais ocorreu.

desejamos bem em qualquer lugar, em idades não prósperas. Pois é certo, não é menos cativo do que um refém é vitorioso, quem não preserva bons votos em tempos maus. Adeus (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Epístola 3.4*, tradução nossa).

Sidônio aponta que o entregador da carta que ele escreveu é a pessoa de Gozolas, um judeu a quem ele repudia por conta de sua religião. Em seguida da citação dele, Sidônio começa a introduzir o conteúdo do qual pretende tratar no decorrer da carta. Acreditamos que esse início é uma fórmula retórica utilizada pelo nosso autor para principiar a tratar do assunto epistolar propriamente dito. Essa afirmação pode ser comprovada por meio da observação de outra passagem semelhante, em outra carta:

Em minha chegada em Burdígala, o teu mensageiro entregou-me uma carta plena de néctar de flores e de margaridas: tu culpas o meu silêncio, e pedes-me por alguns dos meus poemas em um raro daqueles versos dos teus, que frequentemente tu envias cadenciando a voz que ecoa do teu palato côncavo como música jorrada de uma flauta de muitos orifícios (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Epístola 8.9.1*, tradução nossa).

Se alguém se perguntar o que esses inícios de epístolas, que demonstram a existência de uma tradição de correspondências, têm a ver com o contexto histórico no qual Sidônio Apolinário insere-se, poderá deduzir que se trata da demonstração da *amicitia* existente entre remetente e destinatário, que ao trocarem cartas estão mantendo essa relação.

Das identidades políticas representadas na *Epístola 3.4*, observemos a referência que Sidônio faz ao terror causado em seu ópido pela gente que o circunda. O terror é um sentimento aqui representado como elemento político-identitário que separa arverneses e godos: os arverneses sentem esse terror porque sabem que se aproxima algo que deles difere, e que causará desconforto: um desconforto tangível, pragmático, decorrente da previsão de flagelos vívidos, que serão impostos pelos godos no momento do saque do ópido, mas ainda assim, uma questão política; isto é, os godos não causam terror somente porque violentarão os arverneses, mas também porque não são arverneses. O terror está tanto no fato por si só de que a gente circunferente está aterrorizando o ópido, quanto no fato que tal gente é terrível por natureza, não sendo, desse modo, civilizada, nem romana, nem gaulesa e nem arvernesa. Também o fato de Sidônio usar a palavra gente (*gentium*) demonstra uma separação identitária, ratificada porque os godos estão ao redor do ópido, mas não (ainda) dentro dele.

Essa representação de uma separação identitária serve para que o emissário do discurso consiga elaborar uma retórica coagente, que implora indiretamente para que os arverneses sejam protegidos, de modo que o terror gótico não destrua Augustenêmeto, que está posto no texto como lacrimável presa, ou seja, numa posição de vulnerabilidade, como se uma gente terrível estivesse prestes a destruir uma cidade lacrimante.

Mas a representação dos godos como terríveis foi escrita numa época que o rei do Reino de Tolosa era Eurico, inimigo político de Sidônio Apolinário. O discurso contrasta visivelmente com a representação que mais acima mostramos, do rei Teodorico II: um modelo de civilização para todos os povos. Isso demonstra que Sidônio elogia, ao atribuir a *civilitas*, aqueles que são seus amigos políticos, e critica seus inimigos nessa esfera com características destoantes do que se espera de alguém civilizado.

A historiadora Norma Musco Mendes (1999, p. 307) aponta para uma tradição cultural romana de se representar os inimigos políticos como bárbaros, isto é, não civilizados, e os aliados como civilizados. Imaginamos assim: uma vez que, segundo Woolf (1998, p. 54-74), não é possível estabelecer-se com exatidão quais eram os vários elementos que compunham a “*humanitas*”, Sidônio Apolinário valeu-se de características incompatíveis com a civilidade para falar negativamente dos godos, e de características compatíveis com ela para elogiá-los; claro, uma representação precisa usar elementos da realidade para legitimar seu discurso. Com efeito, é de Renan Frighetto (2012, p. 142) a informação de que os godos de Tolosa adotaram costumes que os associavam à família imperial romana como forma de legitimar o poder político que queriam obter dentro do Império.

Não podemos negligenciar, na *Epístola 3.4*, a identidade territorial que aparece assimilando os arverneses. Apreciando ideias de Ralph Mathisen (1993, p. 9-16) e de Brent Donald Shaw (1999, p. 134-135), pudemos deduzir que foi significativamente grande o número de identidades regionais que, na Antiguidade Tardia, foram reforçadas em decorrência de questões políticas. Talvez essa identidade arvernesa existisse fora do discurso sidoniano: a própria forma como os espaço arvernês aparece nas obras de nosso autor, somada aos estudos de Greg Woolf (1998) sobre o processo de conquista da Gália, induz-nos a pensar assim; mas certamente o discurso do nosso autor reforça a dita identidade. O equivalente a isso pode ser mais facilmente observado em outra obra de Sidônio, quando ele defende que seu cunhado Edício deve usar a dileção que tinham por ele os habitantes de sua terra natal, a Arvéria, para usurpá-la:

Jamais houve um tempo em que os meus arverneses desejassem a ti tanto quanto agora, que uma imane dileção por ti os domina, e de fato por múltiplas causas. Primeiro, porque um chefe local em afeto, com razão usurpa para si a terra que o gerou. Depois que somente tu, do teu século quase morto, não era desejado menos por tua pátria do que ela alegrou-se quando tu nasceste. A prova do que foi assegurado é que, antes do tempo do puerpério da tua mãe, os cidadãos em comum acordo, todos juntos, velavam a sua gravidez (SIDÔNIO APOLINÁRIO, *Epístola 3.3.1*, tradução nossa).

Além disso, atentemo-nos para o papel exercido pelos burgúndios na *Epístola 3.4*. Eles aparecem como invejosos e desconfiados. Essa inveja e essa suspeita surgem no discurso com a finalidade de demonstrar o quão indigna de confiança por parte de Sidônio Apolinário é a defesa que eles prestam a Augustenêmeto. O autor gostaria que esse povo germânico estivesse aliado a ele numa obstinação tão forte a ponto de não permitir que o saque do ópido por parte dos godos ocorresse. São, desse modo, os burgúndios que Sidônio Apolinário quer coagir com a escrita da *Epístola 3.4*; por isso os ofende, chamando-os de invejosos e suspeitadores. Ele, todavia, não fala explicitamente dos burgúndios como civilizados nem os chama de bárbaros por meio de atributos alusivos a isso. Também pudera, o povo em questão não está numa posição política que mereça elogios nem que possibilite críticas; pois não está correspondendo às expectativas criadas pelo nosso autor sobre eles e tampouco são inimigos declarados dele.

Acreditamos que os burgúndios só não anexaram a Arvêrnia a seus domínios por falta de potencialidade militar: a mesma potencialidade que eles não tinham para enfrentar os godos, o que fazia da proteção por eles prestada, incerta. Por sua vez, os godos, na realidade, aparecem como o fator incômodo, aterrorizante, não porque sejam germânicos, de origem estrangeira, mas porque estão prestes a empreender um saque.

Ademais, vemos em Sidônio Apolinário enquanto bispo da Arvêria e em aliança com os burgúndios, a insubmissão à República Romana; ele aproximou-se de outro Estado a fim de garantir a proteção da territorialidade por ele governada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma através da qual Sidônio Apolinário insere seu *Epistolário* em tradições literárias clássicas mostra o intuito desse autor de se associar, num sentido político-identitário, ao círculo de nobres romanos da Gália que, em sua época, enfatizavam uma identidade da qual, entre outros, os germânicos eram a alteridade. Nos escritos de nosso

autor que foram mostrados nesse trabalho, observamos que ele chama um rei gótico de civilizado e que mostra, na *Epístola 3.4*, os burgúndios como protetores, ainda que traiçoeiros. Essa observação é capaz de mostrar-nos que Sidônio Apolinário representava os personagens que criava, a partir de pessoas reais, como bons ou ruins, como bárbaros ou civilizados, conforme os interesses políticos que tinha. Como dissemos, chamar alguém de civilizado era como um elogio do qual o nosso autor utilizava-se para afirmar alianças e acordos políticos.

Todavia, nesse trabalho, pudemos observar que as práticas literárias sidonianas mostram que existia uma realidade menos fluida por trás de seus textos, que unia os interesses da nobreza romana da Gália contra as monarquias germânicas. O apego da nobreza romana da Gália a uma identidade que a unia devia-se a questões políticas (MATHISEN, 1993, p. 9-16). Não obstante, não questionamos se cada nobre, em particular, acreditava ou não em uma identidade política gaulesa que existia por essência, o que sabemos é que Sidônio Apolinário soube utilizar-se das possibilidades que tinha, entre práticas e representações, para atingir a seus interesses políticos.

Entretanto, somos capazes de observar que, se a nobreza romana da Gália era politicamente unida no século V EC, os diversos povos germânicos não eram: a forma como o nosso autor mostra burgúndios e godos como rivais no que diz respeito aos interesses deles relativos ao cerco gótico em Augustenêmeto, faz-nos ver isso.

Também é necessário que fique claro que Sidônio Apolinário e sua gente arvernesa, os Ávitos, não agiam em submissão aos interesses itálicos da República; eles jogavam com esses interesses para atingirem os seus próprios objetivos políticos, como mostra as críticas feitas aos burgúndios na *Epístola 3.4*, que deixam transparecer uma aliança entre a Arvêrnia e o Reino da Sapaudia, que se expandia por terras outrora governadas pela República.

A insubmissão aos interesses itálicos também pode ser vista em nossa análise da *Epístola 1.2.1*, quando o nosso autor elogia um rei gótico para firmar um acordo político, cujo objetivo último seria um golpe de Estado que colocaria Epárquio Ávito, o sogro dele, no trono romano-ocidental, o que contrariava os interesses da nobreza itálica, que por sua vez, conspirou para derrubar Ávito do trono. Também ratifica nossas observações a esse respeito a apologia da usurpação da Arvêrnia por Edício que Sidônio faz na *Epístola 3.3.1*.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

SIDÔNIO APOLINAR. **Poemas**. Tradução, introdução e notas de Agustín López Kindler. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

SIDONIUS APOLLINARIS. **Letters**. Tradução de Ormonde Maddock Dalton, 1915. Disponível em <http://www.tertullian.org/fathers/#sidonius_apollinaris>. Acesso em 17/06/2019.

SIDONIUS. **Poems and Letters**. Tradução, introdução e notas de William Blair Anderson. 3 ed. Cambridge: Harvard University Press, 1963.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE JÚNIOR, M. Argumentação retórica na literatura epistolar da Antiguidade. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 8, 2015, p. 166-187.

ANDERSON, W. B. Introduction. In: SIDONIUS. **Poems and Letters**. Tradução, introdução e notas de William Blair Anderson. 3 ed. Cambridge: Harvard University Press, 1963, p. IX-LXXIV.

BARTHÉLEMY, D. **A Cavalaria**: da Germânia antiga à França do século XII. Tradução de Néri Barros de Almeida e Carolina Gual da Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 5, 1991, p. 173-191.

CLAVAL, P. C. C. Geografia Cultural: um balanço. **Revista Geografia**, v. 20, n. 3, 2011, p. 5-24.

COELHO, J. P. P.; PEREIRA MELO, J. J. **A constituição histórica da *humanitas latina* em Cícero e Sêneca**. Seminário de Pesquisa do PPE. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2012.

FREITAS, E. C. Entre a *Gallia* e a *Francia*. **Bathair**, v. 8, n. 1, 2008, p. 50-78.

FRIGHETTO, R. **Antiguidade Tardia**: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (séculos II-VIII). Curitiba: Juruá, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HUSKINSON, J. Looking for culture, identity and power. In: HUSKINSON, J. (ed.). **Experience Rome**. Culture, identity and Power in the Roman Empire. New York: Routledge, 2000, p. 03-27.

KULIKOWSKI, M. **Guerras Góticas de Roma**. Tradução de Glauco Micsik Roberti. São Paulo: Madras, 2008.

MacMULLEN, R. **Enemies of the Roman Order**. Treason, unrest and alienation in the Empire. Cambridge: Harvard University Press, 1966.

MATHISEN, R. W. **Roman aristocrats in barbarian Gaul: strategies for survival in an age of transition**. Austin: University of Texas Press: 1993.

_____; SIVAN, H. Forging a new identity: the Kingdom of Toulouse and the frontiers of Visigothic Aquitania (418-507). In: FERREIRO, A. (Org.). **The Visigoths: Studies in Culture and Society**. Leiden; Boston; Köln: Brill, 1999, p. 1-62.

MENDES, N. M. Romanização: cultura imperial. **Phoënix**, v. 5, 1999, p. 307-324.

MINOR, C. P. **The Gallic Aristocracy and the Roman Imperial government in the Fifth Century A.D.** 1976. Tese (Mestrado em Artes) - Graduate Faculty, Texas Tech University, Lubbock.

SHAW, B. D. War and Violence. In: BOWERSOCK, G. W.; BROWN, P. R. L.; GRABAR, O. (Orgs.). **Interpreting Late Antiquity: Essays on the Postclassical World**. Cambridge: Harvard University Press, 1999, p. 128-167.

SILVA, S. C. **O Império Romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da Vida de Apolônio de Tiana (século III d.C.)**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Franca.

SOARES, C. S. O gênero epistolar na Antiguidade: a importância das Cartas de Cipriano para a história do cristianismo norte-africano (século III d.C.). **Revista História e Cultura**, v. 2, n. 3, p. 199-215, 2013.

VAN WAARDEN, J. A. Writing to survive: A commentary on Sidonius Apollinaris, Letters Book 7. **The episcopal letters 1-11**, v. 1, 2009, p. 6-58.

VILANOVA, W.; VENTURINNI, R. L. B. A *amicitia* na obra de Marco Túlio Cícero. In: Jornada de Estudos Antigos e Medievais, 6., 2007, Maringá. **Anais da VI Jornada de Estudos Antigos e Medievais**. Maringá: 2007.

WARD-PERKINS, B. **A Queda de Roma e o Fim da Civilização**. Tradução de Inês Castro. Lisboa: Alêtheia Editores, 2005.

WOOD, I. **The Merovingian Kingdoms, 450-751**. London; New York: Longman, 1994.

WOOLF, G. **Becoming Roman: The origin of provincial Civilization in Gaul**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.